

**cinecartaz**

**ÚLTIMA HORA**  
Pesquisa Rápida  
na Edição de Hoje

**PUBLICO**  
EXTENSÃO

**SECÇÕES**

[1ª Página Destaque](#)  
[Nacional](#) [Mundo](#)  
[Espaço Público](#)  
[Sociedade](#) [Cultura](#)  
[Desporto](#) [Media](#)  
[Local Lisboa](#) [Local](#)  
[Porto](#) [Última Página](#)  
[Ficha Técnica](#)

**SUPLEMENTOS**

[Computadores](#)  
[Economia](#)  
[Pública](#)  
[Só Texto](#)

**Tempo**  
[Calvin](#) [Bartoon](#)  
[Programação TV](#)

**GUIA DO LAZER**

**PUBLICOnline**

[Home](#) | [Primeira Página](#) | [Índice de Hoje](#) | [Últimos 7 Dias](#) | [Pesquisas](#)

**Espaço Público** | **OPINIÃO**

## Equívocos Sobre Barrancos

Por LUÍS CAPUCHA\*

Segunda-feira, 8 de Julho de 2002



Barrancos não compreende porque volta a estar na berlinda, embora já o esperasse, tal vai sendo o hábito. A verdade é que há coisas que não dão mesmo para entender. Essas coisas têm pouco ou nada a ver com as próprias festas de Barrancos, ou mesmo com os toiros de morte, que provavelmente vão prosseguir o seu curso, porque correspondem ao sentir profundo das pessoas e são elementos centrais da consciência colectiva daquela comunidade de fronteira. Têm a ver, isso sim, com o "caso de Barrancos" criado pela comunicação social e pelo sistema político, que a vila alentejana não deseja nem procura.

Não será difícil entender porque é que o maior partido da actual maioria governamental, o PSD, adoptou uma atitude tão radical contra o governo do PS em anos anteriores e se prepara agora para receber de bom grado a prenda de uma excepção à lei geral. O que antes foi apontado como sinal de fraqueza do Estado, será agora uma solução meritória. Para Barrancos, tanto melhor. A factura do oportunismo será paga noutros domínios mais importantes da política.

O que Barrancos não compreende é a atitude do PS, cuja direcção da bancada parlamentar decidiu impor disciplina de voto contra a iniciativa do CDS/PP que visa criar uma excepção à lei sobre os toiros de morte. Decididamente, neste assunto, o PS não consegue acertar uma. Não acertou quando foi governo e poderia ter resolvido o problema de uma vez por todas. Não acerta agora, que é oposição, porque persiste num jogo que não compreende.

Como é que se vai entender que se imponha disciplina de voto contra uma lei porque ela, entre outras coisas, abre a estranha figura da excepção, e ao mesmo tempo se excepcionem dessa disciplina alguns dos deputados? É absurdo e incoerente.

A não ser que se diga que o motivo do disciplinado voto contra (como alguns agradecerão a disciplina que os dispensa de assumir responsabilidades...) é a própria recusa dos toiros de morte. Mas isso só aumenta o equívoco e a confusão. Será que os deputados excepcionados são selvagens, bárbaros e tradicionalistas insensíveis ao sofrimento dos animais, ao contrário dos polidos, civilizados, modernos e sensíveis restantes deputados? Que critério leva os que estão contra Barrancos a presumir qualquer espécie de superioridade moral sobre os seus camaradas de bancada e sobre os milhares de socialistas e de outros portugueses que gostam da festa de toiros? Não interessa nesta matéria saber se são ou não a maioria. Interessa aqui é saber até que ponto maiorias conjunturais têm o direito de impor as suas convicções específicas em matérias que nada têm a ver com a vida colectiva do país.

O que Barrancos também não compreende é que o PS adopte uma visão maniqueista que só contribui para dividir. Tal como não a aceitam os socialistas de Vila Franca de Xira, da Moita, de Alcochete, de Beja, de Santarém, de Ponte de Lima, da ilha Terceira e de tantos e tantos lugares, que nunca compreenderão porque é que o seu partido impõe, no fim de contas contra eles, disciplina de voto numa matéria deste tipo.

Ou será que agora o caso de Barrancos e dos toiros de morte se tornou uma questão ideológica e programática decisiva? É uma questão de fundo, que separa o progresso das trevas, a esquerda da direita, o humanismo da barbárie, justificando-se então que se distingam os "bons" socialistas dos que gostam de toiros?

Pelo contrário, não deveria ser o PS o primeiro a lutar pela nova geração de direitos culturais, incluindo o direito à identidade, no quadro da promoção complementar - e prioritária, diga-se - do acesso de todos aos valores e aos bens culturais que são património da humanidade? Não está implícita nesta relação entre direito à identidade e direito à universalidade a recusa da imposição arbitrária e totalitária de modelos de orientação cultural de certos segmentos da população, ainda que maioritários? Não deveriam ser excluídos desse novo patamar da cidadania apenas as formações culturais que colidem com outros direitos das pessoas? Não faria sentido canalizar os esforços, e as polémicas, para a promoção desses direitos, ainda por cumprir em tantos sítios e em tantos domínios no nosso país e no mundo inteiro? É nisso que os barranquenhos acreditam e é o que esperam que faça um partido progressista como o PS.

O que os barranquenhos não querem sequer supor é que a atitude do PS, afinal, não seja ditada senão por um tacticismo tão oportunista como o do PSD. Como se agora o PS se devesse empenhar em criar ao governo de direita as mesmas

dificuldades que o fizeram passar a ele quando os papéis estavam invertidos! Então a direcção da bancada do PS pensa que foi por causa de Barrancos que se perderam as eleições? Não foi, não. Foi antes porque as pessoas queriam que o PS liderasse, e não o fez, o esforço nacional para reformar o sistema fiscal, para modernizar a administração pública, para reformar a justiça, para pôr ordem na desordem urbanística dos subúrbios e para completar os esforços iniciados na saúde e na educação.

Sejamos sensatos. As festas de Barrancos não são um espectáculo taurino formal, são um ritual popular pertencente à mesma ordem de muitos outros que se praticam no país, com animais, com toiros e sem toiros. Por que vai o Estado interferir numa matéria que apenas àquela comunidade diz respeito? Se o PS quiser acertar, aqui fica a sugestão: façam uma lei com apenas duas linhas a remeter a questão dos toiros e das touradas para a única instância que pode lidar com seriedade, e interpretando os verdadeiros sentidos das coisas, com estas especificidades culturais de certas regiões ou localidades: o poder local. Bem sei que isso é difícil e exige coragem. Mas fazia-se justiça.

\*Sociólogo, docente e investigador no ISCTE ▲

#### OUTROS TÍTULOS EM ESPAÇO PÚBLICO

##### EDITORIAL

- [África reunida](#)

##### OPINIÃO

- [Touros e folhas de alface](#)
- [A mãe coruja](#)
- [Equívocos sobre Barrancos](#)

##### CARTAS AO DIRECTOR

- [O défice nulo em Portugal](#)
- [Empréstimo bancário](#)
- [Questões e considerandos a Edgar Correia e a outros iguais](#)
- [Citações](#)

publico.pt publiconline última hora desporto guia do lazer bd cinecartaz tvzine  
fotjournalismo calvin bartoon tempo serviço público copyright publicidade ficha técnica

© 2000 PÚBLICO Comunicação Social, SA  
Emails: Direcção Editorial - Webmaster - Publicidade